

# MARÉ VIVA

Director Interino: JOSÉ RAFAEL TORMENTA

SEMANARIO

ANO IX N.º 420 — PREÇO 17\$50 — 24/1/85

## AOS LEITORES

Cumpre-se hoje mais uma mudança de testemunho no «Maré Viva».

Isto mesmo ficava bem claro quando tomamos nas nossas mãos a tarefa de continuar o jornal. Em Setembro era necessário encontrar uma solução satisfatória para a situação criada pela saída, em bloco, da equipa que fazia o jornal. A solução não foi a ideal, mas foi a que permitiu ao Jornal o arranque para uma nova fase da sua História.

Hoje o «Maré Viva» volta a ter novo responsável.

Há ideias novas, há vontade para melhorar o que não agrada, para desenvolver o que já se tinha conseguido de positivo.

No fundo, isto prova a pujança e força da «Nascente», que consegue encontrar sempre nos seus quadros a solução para os problemas e dificuldades que se deparam.

Os homens mudam, fica sempre um estilo próprio, de seriedade, empenhamento e vigor que sempre caracterizou o «Maré Viva». Por isso, mudando embora os intérpretes, o jornal continuará a seguir o trilho que, antes de nós, foi aberto por todos quantos por aqui passaram. E assim será, depois de nós por aqui passarmos...

A. MOREIRA DA COSTA

## TÃO SIMPLES COMO UM PISCAR DE OLHOS

Quando Gutemberg reiventou e aperfeiçoou a tipografia, foi fácil prever que a humanidade se aproximava de uma nova era; mas se o séc. XV tivesse descoberto também o valor da palavra *ecológico* teria ficado um pouco mais apreensivo com o número de árvores cortadas para uma imprensa que não esteve nem está, tantas vezes, ao serviço do Homem.

Tão simples como um piscar de olhos, o fenómeno da comunicação social foi sendo, desde então, apunhalado com demasiada frequência. Acreditava-se — e acredita-se — que o desenvolvimento cultural, a democratização do saber e a transformação social eram evidentes; cedo chegou a Censura Inquisitorial e depois muitas outras formas de sermos postos entre as margens da «ordem estabelecida». Não foi por acaso que o Capital investiu na Informação, comprando e vendendo notícias, regateando como quem está no mercado da fruta.

Conceitos como liberdade de imprensa, independência, pluralismo são hoje assumidos em qualquer lugar do Ocidente; contudo, muitos esquecem que o direito à comunicação é também um direito de troca. A transformação da opinião pública não pode surgir de qualquer coerção, de interesses económicos ou partidários; tem que nascer no próprio leitor. Não compete ao órgão de informação mostrar um caminho de pedras ao seu público mas sim ensiná-lo a andar sobre a água.

Para além de informativa, a função de um jornal é também pedagógica. Um jornal regional tem ainda um papel fundamental na comunicação entre as pessoas. É da notícia local que nasce, através daquela relação interpessoal, a formação de uma comunidade. Dir-me-ão que a realidade é muitas vezes susceptível de ser «vista» de mil maneiras, mas é dessas mil maneiras que se faz um jornal. Não é tarefa fácil «interessar» a todas as classes, ser acessível a todas as bolsas e compreensível a todas as inteligências.

O caminho da coerência é o único que nos resta.

JOSÉ RAFAEL TORMENTA

## ASSEMBLEIA MUNICIPAL

# Estádio é para se fazer

— PÁGINA 4

## MINISTRO DO EQUIPAMENTO SOCIAL:

# Veio a Espinho com uma mão-cheia de promessas

— PÁGINA 4

## “Grupo de Estudos do Universo”

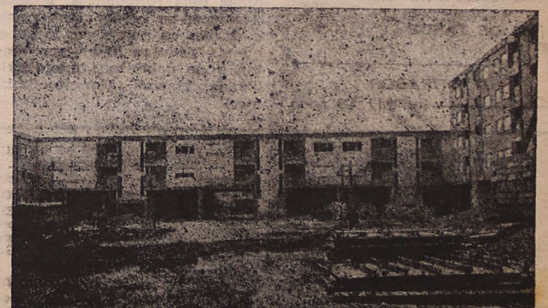
# Um dos raros grupos nacionais de astronomia tem sede em Espinho

— ENTREVISTA NA PÁGINA 5

## REUNIÃO DA CÂMARA

# Bairro da Ponte de Anta vai ter mais 156 fogos

— PÁGINA 4



## RASCUNHOS

No meio de tantas misérias que vamos suportando e deste princípio de ano em que a palavra de ordem parece ser a «cada dia cada aumento de preço», não temos outra saída senão fazer de conta que não é nada conosco nem sequer com o vizinho por causa da tal história das barbas a arder.

Vai daí, viramo-nos para os goloços do Gomes que é o maior da tal Europa em que não se sabe muito bem quando entramos. E damos pulos de contentes quando o João Campos ganha o mundial de pista coberta ao fim de suar três quilómetros bem corridos. E votamos indirectamente no Tancredino de que é a esperança do Brasil dos milhões de dólares em dívida, enquanto não sabemos que caras estarão à nossa escola lá para o fim do ano nas plagas lusitanas. E vamos tentando rir-nos do que o Herman José nos transmite pela televisão domingo após domingo. E vamos quotidianamente assistindo à vida de Vila Nova da Galé, com a dúvida permanente se aquilo é mesmo tele-romance, ou tele-novela, ou tele-qualquer-outra-coisa até que os «entendidos» se fixem numa definição que não admita réplicas.

Claro que, também, nas noites de sábado, quando no cinema não há nada que preste, quando não há nenhuma patuscada onde passemos o tempo, nos postamos de pantufas a ver o 1-2-3. Ficamos a olhar para as imagens que o televisor nos dá de tanto desperdício de dinheiro em cenários que mudam, de semana para semana, muito



mais do que alguns políticos alterem as suas declarações de dia para dia. O Carlos Cruz dá ao programa um dinamismo pessoal que disfarça a chateza do espectáculo e até nos faz esquecer a triste exibição de falta de inteligência e de critério que o público presente nos ofereça. Naquele período em que os pares concorrentes respondem ao questionário que pode permitir-lhes levar uns poucos de contos no bolso, o tal público bate palmas desalmadamente, com a maior das equidades, tanto ao par que só sabe dizer «passo» como ao que desevolvemente acumula resposta certa em cima de resposta certa.

Esse público do 1-2-3 é bem o retrato do povo que somos. O público do concurso bate palmas por tudo e por nada, indiferente a que o seu aplauso seja ou não injustificado. Nós, o restante povo, não batemos palmas à crise com que nos debatemos mas acabamos por aplaudi-la com o nosso silêncio resignado. Por alguma coisa é que há quem chame ao fado a canção nacional.

Carlos P. Morais

## "O Auditório Municipal"

Dos que muito percebem de desporto e nada fazem por ele, costumam-se dizer que são «desportistas de bancada». E quantos não haverá por aí, alguns até, provavelmente, estarão a ler-me. Há também, por outro lado, aqueles que metem o «bedelho» em tudo que à política diz respeito, seja ela económica, social, ou de qualquer outro jeito. A esses, é comum chamar-se de «políticos de café», que à volta de uma mesa (do dito) e com o sabor de uma bica entre dentes, demoram uma manhã, uma tarde e, por vezes, uma noite, em milagrosas demorações sobre como seria melhor resolver a crise que a muitos tem servido, e a muitos mais ainda, val fazendo escassear o sustento. E eles estão cheios não só os cafés, as cidades, ou tudo quanto é lugar público, como, principalmente, os Ministérios.

Desde já, uma coisa me irá permitir a (verdadeira) modéstia: o facto de a nenhum dos espécimes acima referidos, querer pertencer. Virá isto a propósito de hoje me quer intrinsecamente nestas coisas da política local, onde, segundo rezam as avaliadas opiniões de «bordel»,

é preciso fazer escola. Todo este avolumar de palavras porque do lado de cá, havia o compromisso de este espaço, sempre olhado com curiosos olhos, me ter sido destinado.

E como já venho tentando dizer a algum tempo, tudo isto a propósito de alguma questão ligada ao Poder Local. Mas não vou falar da «sonogação» ou não de qualquer projecto, nem tão pouco dos vereadores a tempo inteiro, que mais parecem bebés provetas encomendados à la longa.

Contento-me com uma simples coisa que figura no Plano de Actividades que a Câmara há bem pouco tempo apresentou. Trata-se do seu ensejo em construir um auditório, no velho parque de campismo, onde estão implantados os «courts» de ténis. De facto, duas infra-estruturas a condizer lindamente.

Será, no entanto, pelo menos injusto, não reconhecer aqui o esforço da Câmara em resolver este tipo de carências. Apenas uma dúvida nos fica: saber qual o aspecto de tão «insigne» obra. Se permitirá aos espectadores, quando a chateza os assaltar, olhar a «abo-

## OPINIÃO

bada celeste» para desanuviar, ou os obrigara a suportar o calor de uma tarde de verão, sem qualquer frincha para o ar penetrar. Dúvidas, que só a técnica dos técnicos poderá esclarecer.

Uma outra incógnita leva-nos a pensar quais os espectáculos a realizar ali. De facto, com o programa cultural que a Câmara tem apresentado ao longo dos tempos mais próximos, numerosas manifestações esperam aquele recinto. Tudo problemas afinal, para o assessor que o pelouro da Cultura espera, terá que resolver. Poderá ainda o auditório, vir a servir as colectividades do concelho, nos espectáculos que realizem, e organizem, ou as festas de beneficência, até agora «obrigadas» a recorrerem ao casino local. Tudo isto, poderá o futuro auditório servir, com a dupla vantagem de a mais que protelada Casa da Cultura ficar ainda mais esquecida.

Mas, uma coisa também é certa; tudo isto são receios não justificados, porquanto a experiência ensina-nos que no Plano de Actividades que a Câmara tem por hábito trazer a terrelho, uma grande parte das obras incluídas, ficam sempre por fazer.

J. L.

## Ainda o Cinanima

Com a edição de 1984 o CINANIMA consolidou-se em definitivo como um importante festival de cinema, quer em termos internacionais (onde o impacto quase sempre ultrapassou a divulgação aquém-fronteiras), quer fundamentalmente no nosso país. Causa e reflexo imediatos desta constatação é por certo o apoio informativo dado pelos órgãos de comunicação social, maxime a televisão. É precisamente esta a razão

dedicado ao Atelier do CINANIMA no dia 11; a entrevistas com Beatriz Alçada (assistente das Belas-Artes), Luís Costa e António Gaio (da Comissão Organizadora), para amanhã, sexta-feira, ser dedicado ao trabalho de iniciação realizado com crianças no decorrer da edição de Novembro último. Ainda neste programa serão apresentadas entrevistas feitas no âmbito do festival com Vitor Mesquita e Eduard Nazarov (realizador soviético), estas a ir para o ar no dia 1 de Fevereiro, para além de uma outra com o português Artur Correia, a ser vista no dia 8 de Março.

Fora da orgânica deste programa (especialmente vocacionado para a animação), estiveram no passado domingo, na «Hora dos Talentos», três das várias crianças que integraram os já referidos ateliers de iniciação — CINANIMA 84.

Mas também o segundo canal da RTP vem falando e val continuar a falar do único festival de animação da Península Ibérica e terceiro mais antigo do mundo: a 21 de Janeiro foi a entrevista com Gaston Roeh (o qual dispensa apresentações), seguindo-se a 28 a conversa com um velho colaborador dos ateliers (o francês Jean-Claude Palluau, a 4 de Fevereiro com Leslie Keen (realizadora escocesa), a 11 do mesmo mês novamente com crianças participantes nos Ateliers de Iniciação, a 18 com destaque para o CINANIMA mas sem qualquer entrevista em especial e ainda a 25 de Março, numa conversa com Matos Barbosa, se bem se lembram o presidente do Júri da oitava edição deste Festival.

São três meses de CINANIMA no mais importante meio de comunicação de massas; são três meses de confirmação da importância da iniciativa e de quem a organiza, a Cooperativa NASCENTE; são três meses que até nos envergonham, como jornalistas, de referir que o Governo Civil de Aveiro concedeu (e apenas na semana passada) 40 contos de subsídio a um festival que custa milhares.

## «Vamos ao Sonoro»?

SESSÃO NORMAL

25 a 31 Janeiro

CONAN — O DESTRUIDOR

M/ 6 anos

Mais uma vez o cinema foi beber inspiração às histórias em quadrinhos. Um herói ultrapassando vicissitudes num mundo mitológico (próximo da cultura Nórdica) onde a agressividade da natureza se alia a espíritos malignos para destruir Conan, o bárbaro. Um super-herói bem a calhar, num momento em que a aventura é o tema dilecto de grande faixa de público. Mera distração que não enfastia, nem ofende.

FIM DE TARDE

24 e 25

O ATIRADOR

Int. M/ 13 anos

29 e 30

MORTE AO SOL

N. A. M/ 13 anos

\* Estas sessões especiais do fim de tarde têm seguido um programa adequado, não aparecem cáidas do céu. Primeiro foram os filmes de autor, agora tem sido a vez duma vedeta (John Wayne) e seguir-se-ão os policiais. Uma certa ordenação temática e alguma qualidade ao cair do dia.

O Atirador, obra vulgar de Don Siegel, é uma espécie de biografia dos últimos anos de vida do «Duke» (John Wayne), ele próprio vítima de cancro como o pistoleiro da história. O retrato do solitário que não deseja perder a grandeza na hora da morte. A merecer destaque as presenças de dois grandes actores: Lauren Bacall e James Stewart.

\* O primeiro policial é uma obrázinha dum artífice habilidoso (Guy Hamilton), em palpos de aranha para adaptar ao cinema a novela de Agatha Christie. A figura de Hercule Poirot (interpretada por Peter Ustinov) não terá sido composta de acordo com as grandes linhas definidas pela romancista, a acção desenrola-se algo lentamente, mas não se perde em ir ao cinema. Vedetas há-as aos montes e de gabarito (Jane Birkin, James Mason, Maggie Smith, etc.).

MEIA NOITE

24

A ESCOLHA DE SOFIA

N. A. M/ 13 anos

25

OS DOIS MISSIONARIOS

M/ 6 anos

26

ADEUS AMERICA

N. A. M/ 18 anos

\* Alan Pakula elabora uma série de quadros sobre a Polónia ocupada pelos nazis e da sociedade americana do pós-guerra. No centro de toda a acção Sofia (figura que valeu o Oscar 83 a Meryl Streep) que se entrega a uma vida superficial e louca na tentativa de apagar as marcas da guerra.

\* Mais uma, da dupla especialista em pancadaria. Uma certa graça e originalidade ficou-se pelo primeiro da série: Trinitá. Terence Hill e Bud Spencer não passam duma mina, onde não há mais filão para explorar.

\* Documentário sobre a onda de violência que tem alastrado pelos Estados Unidos. Os assassínios dos irmãos Kennedy, de Luther King, os atentados, os actos de violência sobre cidadãos anónimos, entendidos como meras peças dum processo de destruição originado dentro do sistema. As cenas sucedem-se nuas, cruéis. O espectador que teça os comentários que considere mais convenientes.

MANHÃ INFANTIL

27

ROBIN DOS BOSQUES

Há muito tempo que o estilo «Disney» se encontra definido, o público infantil adere em massa e há muito adulto que não hesita em se deliciar com as fantasias do costume. Fantasias que vão buscar inspiração ao vasto imaginário da cultura universal, dos contos de fadas às lendas. Como é o caso deste Robin dos Bosques, interpretado por desvolvidos animais!

MARE VIVA

SEMANÁRIO

CHEFE DE REDACÇÃO — Jorge Lopo

REDACTORES — António Gomes, Bernardo Ferrás, Carlos Cruz, Fernanda Alves, Fernando Caprichoso, Filomeno Oliveira, Jorge Rosa, Moreira da Costa e Narciso Oliveira

REPORTAGEM FOTOGRÁFICA — Carlos Alves e Olívia Silva

COLABORADORES — Alice Rocha, António J. Lacerda, Berta Nunes, Carlos Morais, Correia da Silva, Fausto Neves, Fernando Meneses, Joaquim Fidalgo, Jorge Carvalho, Jorge Monteiro, José António Franco, Luís Costa, Moreira da Costa, Maria do Carmo, Mário Bismark, Mário Correia, Mário Rui Neves, Morais Gaio, Rui Lacerda e Victor Sousa

PAGINAÇÃO — Augusto Mota, António Gaio e Henrique Ferreira

CORRESPONDENTES — Antero Monteiro (S. P. de Oleiros), Antenor Pereira (Silvalde), António Pinto (Moselos), Henrique Ribeiro (V. Feira), Henrique Sil (Anto) e Manuel Santos (Guelim)

Propriedade do Nacente — Coop. de Acção Cultural — Redacção: Rua 62, 251 - Telef. 721621  
Composição e impressão: Tipografia Meneses — Cooperativa Gráfica de Espinho, C.R.L.  
Rua 14 n.º 903 — Telef. 721016

Depósito Legal 2048/83

Tiragem deste número: 2000 ex.

Director Interino: JOSÉ RAFAEL TORMENTA

# ESTA CIDADE

## CRIMINALIDADE BAIXA EM DEZEMBRO

Segundo um comunicado do Comando Distrital de Aveiro da PSP, a criminalidade na zona urbana de Espinho, durante o mês de Dezembro, sofreu «um ligeiro abaixamento», se comparada com os casos registados em Novembro. No entanto, «o indicador mais grave» foi o de furtos em estabelecimentos comerciais, e os roubos do interior de viaturas e a pessoas na via pública.

Ainda segundo a mesma nota, distribuída à imprensa local, foram capturadas 5 pessoas e salienta-se a captura de um comerciante que permitia jogo a dinheiro, no seu estabelecimento, de um indivíduo que furtou uma motorizada, despidando-se com ela, a identificação de um menor de 13 anos por furto de 240\$00 a outra menor e a detenção de dois indivíduos por furto de galinhas.

## AINDA O S. PEDRO

O velho cine-teatro S. Pedro continua a dar que falar. Depois dos Bombeiros terem alertado, as entidades locais para o perigo de incêndio, é agora a vez da Polícia notificar os seus proprietários para, segundo conseguimos apurar, tomarem medidas de precaução nas portas que dão acesso ao edifício.

Na origem da atitude da PSP local, esteve o facto de várias crianças terem penetrado no interior do imóvel, provocando estragos.

## MÚSICA AO VIVO EM ESPINHO

### RUI VELOSO DEU A SUA PERNINHA

Um dos pubs da cidade, o ED's, teve nos passados dias 16, 17 e 18 música ao vivo. No programa estava a Banda de Bolso com Pedro Abrunhosa (contrabaixo), Joaquim Iglésias (guitarra), José Meneses (saxofone) e Miguel Guerra (bateria). Um conjunto de excelentes músicos que proporcionaram a cerca de meia centena de pessoas algumas boas horas de «jazz». A surpresa surgiu, no entanto, quando do meio do público surgiu Rui Veloso, ali por acaso, que interpretou, só como ele sabe, alguns «blues».

Esta uma iniciativa que, segundo o gerente da casa, Arsénio Barbosa, «é para repetir todos os meses, com contactos diversificados de forma a evitarmos entrar na rotina».

## Roubaram o carro a um deficiente e depois estamparam-se

Dois jovens, na madrugada do dia 21, roubaram um carro e vieram estampar-se pouco depois na estrada da Granja. Do acidente quase resultava a morte de um deles, que apenas escapou devido à intervenção do seu companheiro que o desentolou do meio dos destroços do automóvel. Entretanto os dois jovens deram entrada no hospital de V. N. Gaia, tendo depois o caso sido comunicado às autoridades que os conduziu à prisão de Custóias.

Américo Alves de Oliveira, 22 anos, casado, sem profissão e residente nesta cidade, e António Manuel do Nascimento Xitaba, 18 anos, estudante e morador no Hotel da Granja, antes de terem praticado o furto do carro com o qual viriam a ter o acidente, já tinham «vi-

sitado» um outro donde roubaram diversos objectos e provocaram avultados danos.

Soubemos ainda que a viatura com a qual os dois jovens tiveram o acidente, e que ficou sem concerto, era pertença de António José Ferreira da Silva (Zé Ferreira), deficiente físico, funcionário da Associação Académica de Espinho, que assim se vê privado do meio de transporte que utilizava para o seu emprego. Tratava-se de um carro de marca DAF, adaptado à deficiência que possuía. O caso do Zé Ferreira está já a merecer uma onda de solidariedade à sua volta, que tem como objectivo a possível reparação da situação em que se encontra, depois da perda da sua viatura.

# SADA

## — uma experiência pedagógica também em Espinho

O Serviço de Apoio a Dificuldades de Aprendizagem (S.A.D.A.) é uma experiência pedagógica do S.O.E. (Serviço de Orientação Educativa) da Direcção Geral do Ensino Básico, a nível do Ensino Primário.

Começando há cerca de 6 anos na zona de Lisboa, esta experiência foi-se alargando, envolvendo neste momento à volta de 80 professores que tentam aperfeiçoar um modelo de intervenção sócio-psicopedagógico que possa colmatar o insucesso escolar em Portugal.

Com uma taxa que supera, no nosso país, os 40%, o insucesso escolar deriva não só de causas de ordem sócio-familiar — como é fácil apontar-se — ou de causas ditas «clínicas», centradas na criança, mas também do próprio sistema educativo; isto é, muitas vezes a escola não dá resposta às necessidades das crianças.

Tentar aproximar a escola das crianças, ou vice-versa, criando naquela condições para que estas se sintam de facto integradas como indivíduos que são, é um dos objectivos do SADA, que funciona em Espinho no seu 3.º ano de existência, com dois professores, numa das escolas da Marinha (as zonas piscatórias chegam a atingir os 70% de taxa de insucesso escolar).

«O ambiente é muito difícil, principalmente olhando à elevada percentagem de repetências, o que levou a escola, há 3 anos, a pedir ao Núcleo Distrital dos Serviços do Ensino Primário, em Aveiro, a Instalação deste Serviço», disse ao «Maré Viva» a directora da referida escola.

E continuou: «Creio que ain-

da é muito cedo para se falar em resultados, se tivermos em conta todos os objectivos que o S.A.D.A. se propõe. No entanto, quanto aos alunos que foram apoiados directamente, quanto à dinâmica que a escola de uma maneira natural assumiu, no que diz respeito a Ateliers, animação de Biblioteca, há resultados bastante positivos. As professoras do SADA, por seu lado, não se privam a esforços para atingirem os seus objectivos».

Estes professores — apesar de dedicarem um dia por semana à sua própria formação e alguns serem especializados pelo IAACF (Instituto António Aurélio da Costa Ferreira) em Lisboa — são «mágicos sem magia» que trabalham com um máximo de 20 e um mínimo de 10 alunos em grupos de 3 a 5, em sessões de duas horas, duas vezes por semana; mas para além desta estratégia de apoio directo a dificuldades efectivas da leitura e escrita e matemática, há outras como ateliers de estimulação, animação de bibliotecas, tentando o envolvimento de toda a escola na sua própria animação pedagógica e também uma ligação bastante grande ao meio, num esforço de «abrir a escola à comunidade».

Eunice Couto, professora do S.A.D.A., disse-nos ainda que «nos dois primeiros anos foram apoiadas 43 crianças das quais 15 viriam mesmo a transitar de fase; só no segundo ano é que passámos a ser dois professores e neste momento temos em apoio directo 26 crianças. Será preciso esclarecer que as crianças continuam integradas na sua própria turma e as horas



de apoio são em tempos extra-escolares. Falando agora das outras actividades, lançou-se este ano o primeiro número do JORNAL ESCOLAR, o que foi uma experiência muito boa».

Estas equipas — muito escassas no norte do país (Vila Real, Porto, Espinho, Agueda e Ilhavo) tentam integrar outras valências como Psicólogos, Assistentes Sociais, Medicina Pedagógica, Associações Culturais, e fazer uma ligação preventiva a jardins de infância e Ciclo Preparatório. Quando tal acontece, um SADA transforma-se em U.O.E. (Unidade de Orientação Educativa); exemplificando, a UOE do Porto à qual está ligado o Sada de Espinho, tem trabalhado desde sempre com a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

Quanto a apoios, a Gulbenkian e as autarquias.

Um modelo experimental a institucionalizar brevemente, segundo cremos.

## Na esplanada sexagenário atropelado por motorizada

Um homem de 64 anos foi atropelado mortalmente no passado dia 3, quando, muito descançadamente, transitava no passeio da rua 2 (esplanada) Américo Soares Magalhães, pescador, morador no Bairro Piscatório, casa 69, dirigia-se para o trabalho, às 7,20 horas quando uma motorizada, conduzida por César Luís Rodrigues dos Santos, de 47 anos, igualmente morador no Bairro, casa 109, que circulava no referido passeio, direcção sul-norte, o colheu junto à rua 33.

O sexagenário sofreu fractura craniana, entrando em estado de coma, e veio a falecer no dia 10, no Hospital de Sto. António no Porto, depois de ter dado entrada em Espinho e ser transferido para V. N. Gaia.

Entretanto, a viúva de Américo Magalhães, Maria da Costa Patela, de 61 anos, apresentou queixa na polícia, pelo que o caso foi entregue ao Tribunal local.

Aproveitamos este triste acontecimento para alertar uma vez mais as autoridades policiais para a constante circulação de veículos de duas rodas naquela zona, onde é vulgar estarem muitas crianças a brincar.

## Eulália Pereira de Brito

### AGRADECIMENTO

Vem a família por este ÚNICO MEIO, agradecer a todos quantos compareceram no funeral e missa de 7.º dia.

## CONSELHO MUNICIPAL DE ESPINHO

### EDITAL

#### Sessão pública no dia 24-1-1985

Maria de Lurdes Alves de Sá, Presidente do Conselho Municipal supra:

Faz público, de acordo com as disposições legais aplicáveis, que no próximo dia 24 de Janeiro de 1985 se realizará nos Paços do Concelho uma sessão ordinária deste Conselho, que versará a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Apreciação do Orçamento e Plano para 1985 da Câmara Municipal
- 2 — Apreciação do Orçamento dos Serviços Municipalizados para 1985.

Para constar se publica este e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo do concelho.

Espinho, aos 15 de Janeiro de 1985

A Presidente do Conselho Municipal  
Maria de Lurdes Alves de Sá

## Manuel Ferreira do Couto

(Sócio da extinta firma Cadinha & Couto, Lda.)

### AGRADECIMENTO E MISSA DO 7.º DIA

A família vem por este ÚNICO MEIO agradecer a todas as pessoas que assistiram ao seu funeral ou que de qualquer outro modo lhe manifestaram o seu pesar e participa que a missa do 7.º dia se realiza no próximo sábado, dia 26, pelas 19 horas na Igreja Matriz de Espinho, antecipadamente agradecendo a quantos se dignarem assistir a este acto.

assembleia  
municipal

# Estádio Municipal é para fazer

Apesar de Ferreira de Campos entender que o Presidente da Câmara não deveria trazer para a Assembleia as notícias e posições dos jornais locais, Bártolo, no início dos trabalhos, pediu para esclarecer uma notícia do Espinho Vareiro, negando, o que foi confirmado pela Assembleia, que alguma vez tenha dito que o projecto de construção do Estádio Municipal tenha caducado. Apenas e só houve, e há, atraso na entrega do projecto por parte do Arquitecto (Rui Lacerda) a quem o município já entregou, por conta, mil contos. Ficamos assim todos a saber que a Câmara mantém de pé tal construção, ainda que não esteja apressada em resolver o caso, ficando como prova o não ter tido qualquer reacção ao atraso na entrega do projecto.

## CONVERSA A TRÊS

«Parece que a Câmara quer fazer negócio como qualquer empresa privada», assim se referia Jorge Carvalho ao facto do município ter expropriado os

terrenos que deram lugar à chamada urbanização do Souto-Anta por 11.000 contos e ir agora vendê-los por 38.000. Utilizar o estatuto da expropriação para obter lucros, expropriar para negociar, «não», reclamava a bancada da APU. Numa conversa a três, que dominou praticamente toda a sessão (Bártolo-Ferreira de Campos e Jorge Carvalho) lá se foi debatendo se sim ou não haveria lucro em realizar tal venda. Para a Câmara os terrenos são vendidos pelo preço que custaram mais as infraestruturas que realizou. Ferreira de Campos passou a noite a dizer «amen» e não veio a ser aprovada uma proposta da APU para que a Câmara explicasse por escrito quais foram efectivamente os custos reais do empreendimento. A APU viria a lamentar que a Assembleia «não tivesse a preocupação de ajudar a resolver o problema da habitação no concelho, proporcionando aos interessados terrenos a um custo mais baixos». Os expropriados terão direito de optar.

## INSTALAÇÕES PARA A CASA DO POVO E GRUPO COLUMBÓFILO

As lojas do bloco construído na rua 33 pela Câmara (três) serão vendidas ao mesmo preço de custo das habitações. Ainda aqui a APU, em noite de monopolizar a sessão, veio alegar que «para a Câmara de Espinho, está em pé de igualdade o preço das lojas e o preço da habitação, mesmo que construídas em terrenos expropriados». Bártolo lá foi explicando, desta vez com toda a sua habitual bonomia, que o facto das lojas serem vendidas ao mesmo preço das habitações significava no fundo que eram vendidas mais caras, já que custaram à Câmara muito menos dinheiro que as habitações. No fim tudo bem, já que duas das lojas se destinam a colectividades ou entidades de interesse social, no caso, o Grupo Columbófilo e a Casa do Povo, instalada precariamente na Junta de Paramos, e que obriga por exemplo os associados de Guetim que all

se têm de deslocar, a gastar mais em viagens do que o custo das cotas, lembraria, Augusto Gomes, Presidente da Junta de Paramos, Pagarão o metro quadrado a 33.500\$00 e a terceira loja irá a concurso. A Assembleia daria ainda o sim à Associação de Municípios a formar com as Câmaras da Gaia, Feira e S. João da Madeira para resolver o problema do abastecimento de água a sair da captação de Selxo-Alvo, já que, afirma o Presidente da Câmara, a breve prazo poderemos ter graves problemas no abastecimento, uma vez que o caudal de água já não chega para abastecer todo o concelho e se começarem a notar carências em algumas zonas. Ao contrário a Assembleia disse não para já à A.N.M.P. (Associação Nacional de Municípios Portugueses) assunto que a Câmara vai estudar melhor para futura apreciação.

Sexta-feira próxima promete. Continua a sessão com o Plano de Actividades e Orçamento na ordem de trabalhos. Lá estaremos.

## BREVES

### LINGUAGEM MODERNA

Ferreira de Campos foi, desta vez, o advogado da Câmara. O próprio admitiu o facto: «Eu hoje estou numa de defender a Câmara». Das bancadas veio o sussuro: «Tá boa à meu».

### SUSPENSE

Por duas vezes Bártolo faz que val sair da cadeira e abandonar os trabalhos. Jorge Carvalho dizia: «Já não acredito nas palavras da Câmara. Quero as coisas por escrito».

Bártolo: «Quero saber se a Câmara merece crédito ou não a esta Assembleia; se acredita no que diz a Câmara eu falo, se não acredita não falo». (15 segundos de silêncio)

Ferreira de Campos: «A frase só se aplica a quem a proferiu. Não está em causa a confiança da Assembleia». Alívio geral. Bártolo ficou, mesmo, com a confiança da Assembleia.

### OBRAS É COMIGO

Angelo Cardoso, deputado do CDS, farto de ouvir Jorge Carvalho falar sobre o maior ou menor custo da construção, deu-lhe o recado:

«O sr. Advogado só percebe de leis. Não percebe nada de obras nem de construções». Dos bastidores veio a boca. «Pois é, trolha é o Angelo».

### MAIS-VALIA NÃO. SÓ LUCRO.

Discutia-se sobre se a Câmara iria ou não ganhar com a venda dos terrenos que compõem a urbanização do Souto-Anta. Jorge Carvalho insistia que sim, que haveria um lucro. Bártolo insistia que não havia lucro.

Jorge Carvalho: «Pronto, não lhe chamo lucro, chamo-lho mais-valias».

Ferreira de Campos: «O Doutor, não venha com o marxismo».

Jorge Carvalho: «Está bem. Vou com a ciência. Dois e dois são sempre quatro, quer o Doutor queira quer não».

reunião  
da  
câmara

Este sem dúvida o único polo de interesse de uma reunião com a duração de duas horas e meia. O restante tempo foi ocupado, como quase sempre acontece de quinze em quinze dias, na discussão de obras.

# MAIS 156 CASAS NA PONTE DE ANTA

O Executivo da Câmara Municipal de Espinho aprovou, em sessão realizada na passada sexta-feira, o projecto para a edificação de mais 156 casas no Complexo Habitacional da

Ponte de Anta. Trata-se da 3.ª fase daquele Conjunto Habitacional, que assim ficará concluído.

A construção destas 156 casas será realizada sob a orien-

tação da Câmara e não do Fundo de Fomento da Habitação como tem acontecido até aqui, e será levada a cabo em 3 fases de, sensivelmente, 52 fogos cada uma.

## Ministro do Equipamento Social em Espinho

### com uma mão-cheia de promessas

O Ministro do Equipamento Social esteve no passado sábado em Espinho, a convite da Câmara, para visitar alguns empreendimentos que a Autarquia espera ver realizados no mais curto espaço de tempo, e para os quais conta com a participação daquele Ministério.

Rosado Correia chegou aos Paços do Concelho cerca das 10 horas, onde foi recebido pelos membros da Câmara e por um representante da Assembleia e Conselho Municipal.

O Ministro do Equipamento Social veio acompanhado pelos Directores Gerais do seu Ministério, e da sua visita resultou a assinatura de um protocolo para o financiamento de 52 fogos no Agrupamento Habitacional da Ponte de Anta, orçado em 130 mil contos. Rosado Correia prometeu ainda participar a construção de uma passagem de nível desnivelada a sul de Espinho (junto ao campo de Golf) e o terminal de camionagem que no plano de urbanização está localizado na

rua 23, junto ao parque João de Deus. Aquele membro do Governo comunicou ainda aos presentes que o mapa das expropriações para a variante à estrada 109, tinha seguido para publicação no Diário da República, bem como o seu projecto já superiormente aprovado. Recordou-se que a construção desta artéria reverte-se de particular importância para Espinho, uma vez que irá libertar o trânsito que actualmente circula pela av. 24.

De seguida o Ministro do

Equipamento Social visitou o local onde irão ser implantadas as obras referidas, tendo-se dirigido depois para a Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira tendo-se apercebido, juntamente com o Director Geral das Construções Escolares, do estado da cobertura dos edifícios da escola e da necessidade da construção de um muro à volta daquele estabelecimento escolar. O Ministro confirmaria o seu despacho anteriormente dado e insistiu com o Director das Construções Escolares para dar início às obras o mais rápido possível.

Rosado Correia visitou ainda o campo do Sporting de Espinho, prometendo diligenciar junto do Governo no sentido de conceder uma participação para a construção da 2.ª fase da bancada. A terminar a sua visita o Ministro do Equipamen-

to Social deslocou-se ainda a Paramos para observar o local onde irá ser implantada a estação de tratamento de águas residuais, obra já em curso.

No final, quisemos ouvir a opinião do Presidente da Câmara, Artur Bártolo que nos disse: «Foi uma visita extraordinariamente importante e positiva porque se resolveu uma sé-

rie de problemas que se arrastavam já há longo tempo, concretamente a variante à 109 que pela 1.ª vez em 50 anos não definido o seu traçado».

O financiamento prometido para todas as obras e sobretudo um maior contacto entre o Poder Central e Local, onde os problemas foram tratados de maneira franca e aberta».

Casa especializada em artigos para Noivas e acompanhantes,  
Comunhões, Lingerie e Pré-Mamá

# ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — ☎ 724203 — ESPINHO

# Quem olha para o Céu o que vê?

## — Responde o Grupo de Estudos do Universo

Vivemos à superfície de um planeta. Sob os nossos pés e rodeando-nos, encontra-se um mundo muito diverso e complexo que, parece, conhecemos cada vez melhor. Mas, acima de nós, das nossas cabeças, há outros mundos, irmãos por vezes extremamente diferentes do nosso, mas provenientes de uma mesma ninhada que não se sabe bem qual tenha sido. As estrelas que vemos são outros sóis, algumas provavelmente acompanhadas de cortejos planetários. Vemos também, à vista desarmada, uma boa porção dos planetas que constituem o sistema a que pertencemos. Mais tenuemente, e com a ajuda de um instrumento óptico, detectamos a presença de pequenos pontos nebulosos: uns, pertencem à nossa galáxia, outros, são galáxias de estruturas razoavelmente semelhantes à da nossa. Se tudo isto é Universo se uma criatura inteligente — a nossos olhos, a única que sabemos existir — vai, dia após dia, encontrando nele estranhas afinidades, como não olhar então para o céu seduzidos e Inquiridores?

Quem terá olhado pela primeira vez para o céu? No nosso planeta, provavelmente um animal muito distinto do homem. Um trovão, a luz do sol, um relâmpago chamaram eventualmente a atenção de um animal muito remoto. Mas, ao animal, esse acontecimento não o fez interrogar-se. Depois, outros animais surgiram. Até que um começou a ver no céu a explicação para o que se passava em sua casa.

Em 1985, uma data convencional na história do Universo, encontrou-se o Maré Viva com dois membros de um grupo espíndico que estuda metódica e empenhadamente o que se passa lá em cima — o GEU, Grupo de Estudos do Universo. Disseram-nos quem eram, o que faziam e o que pensavam de tudo isso.

MV — Qual tem sido o percurso do GEU, desde a fundação até à data?

José Pardilhé — O Grupo foi formado em 15 de Maio de 1975. Nessa altura, a média de idades era muito baixa, andaria à volta dos 12-13 anos e poucos conhecimentos tínhamos ainda do que nos propunhamos fazer. No ano seguinte, participámos num colóquio promovido pelo Centro de Estudos Astro-nómicos e de Fenómenos Insólitos, o CEAFI, onde fizemos um pequeno histórico da astronomia. Entre 1976 e 1980, dedicámos-nos essencialmente a tarefas de divulgação, às quais, de quando em quando, chamámos alguns especialistas habilitados a colaborar conosco. O ano de 1980 é a data da nossa primeira grande realização enquanto grupo: a I Semana Astronómica. A II Semana decor-

reu no ano seguinte e a III em 1983. Estamos, portanto, a realizá-las bianualmente. No que ao estudo da astronomia respeita, temos tido um percurso de «marcar-passos», com disponibilidades muito limitadas de acesso a informação sobre a matéria e o trabalho de «investigação», digamos, começou para nós apenas o ano passado. A bem dizer, não desempenhamos propriamente papel de investigadores mas sim de colaboradores de estudiosos estrangeiros. Em 1984, portanto, demos início a um programa de observações do Sol, ou melhor, das manchas solares, em colaboração com a Liga Ibero-Americana de Astronomia, sediada na Venezuela.

Carlos Lopes — Entretanto, encentámos o estudo das ocultações lunares, isto é, dos momentos em que estrelas desaparecem ou reaparecem por detrás do disco aparente lunar, também em regime de colaboração internacional. Preparamo-nos agora para «receber» o cometa Halley estudando documentação que possuímos relativa a essa ocorrência, a qual terá uma primeira fase em Março do próximo ano, quando o cometa, dirigindo-se ao Sol, atravessar a órbita da Terra. Depois, claro, passaremos à prática com trabalhos de fotografia e outros.

MV — Quantos elementos deram início ao GEU?

JP — Começámos por ser três. Dois com cerca de 12 anos. O outro era um pouco mais velho e foi quem nos orientou no primeiro ano de actividade. Quando deixámos de ser pouco mais do que um grupo de amigos e se começou a pensar na sua legalização e em promover divulgação sobre o tema, seríamos uns sete membros.

UM POUCO DO QUE NO CÉU SE PODE VER

MV — Neste momento, quantos são os membros que desenvolvem trabalho de observação?

JP — Seis. A observação, contudo, limita-se muito à já referida, porquanto o telescópio mais potente que possuímos está nas nossas mãos há pouco mais de um ano e ainda estamos a equipá-lo. Conforme alguns subsídios vão chegando, tratamos de comprar mais algum equipamento.

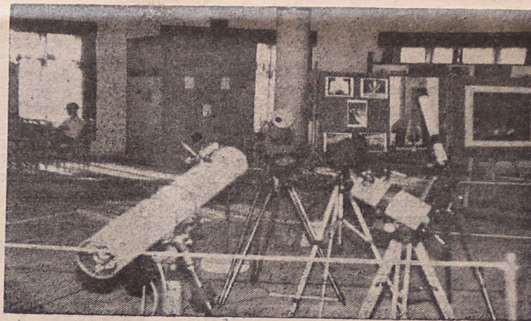
MV — Os telescópios e lunetas que possuem foram comprados no comércio ou já terão construído algum?

JP — Não, nunca construímos nenhum porque o número de membros do GEU é escasso e uma oficina fica relativamente dispendiosa para tão pouca gente. Por outro lado, o tempo é

pouco para tal, mercê, em parte, do trabalho de divulgação. Não que já tenhamos o telescópio que nos interessa, mas o melhor que temos é bom e convirá salientar que só o possuímos porque nos fizeram um «preço para amigos».

MV — Com as vossas limitações, qual o grau de precisão de observação que podeis garantir?

JP — Os trabalhos para que estamos voltados de momento não requerem instrumentos muito sofisticados. Por exemplo, no caso das manchas solares, que é um trabalho essencialmente estatístico, não interessa tanto o número de manchas que se vê diariamente no Sol, mas a sua distribuição ao longo do ano. Com um pequeno telescópio, conseguimos verificar uma distribuição da ocorrência de manchas que é perfeitamente semelhante àquela que um telescópio de observatório obtém, só que proporcionalmente mais pequena. No caso das ocultações lunares, basta ver a estrela a ser ocultada pela Lua e determinar o momento exacto em que tal ocorre. A estrela tem contudo que ser suficientemente brilhante para que possamos observá-la distintamente.



ASTRONOMIA: TELESCÓPIOS, MAS NÃO SÓ...

MV — Mas porquê o Sol? Essa observação tem alguma utilidade?

JP — Não há certezas, mas verifica-se, desde há alguns séculos, que existe um ciclo de actividade solar e que esse ciclo terá muito que ver pelo menos com a vegetação do nosso planeta. A actividade do Sol não é sempre a mesma e isso tem influência na Terra. O frio que temos sentido parece, por exemplo, dever-se em grande parte ao «funcionamento» que o Sol tem de momento. Fala-se de um ciclo de onze anos, responsável por cheias e vagas de calor e frio.

rar conosco para tentar lançar as bases de um intercâmbio frutuoso.

MV — Quais as vossas maiores dificuldades concretas? Não tendes sede própria, por exemplo...

CL — Sim, nesse aspecto temos estado dependentes da boa vontade que nos vêm manifestando certas entidades. O ideal seria de facto dispormos de uma sede própria onde pudéssemos trabalhar e acolher eventuais novos membros. Por outro lado, como é natural, não temos qualquer outra fonte de receita a não ser os subsídios

MV — E quanto às ocultações de estrelas pela Lua?

JP — As duas principais razões pelas quais essa observação parece ter utilidade são o estudo do relevo lunar e o dos movimentos dos corpos celestes. O que é que se passa? O momento em que a Lua oculta uma estrela encontra-se previsto para os diferentes pontos da Terra. Ora, se essa previsão não se verificar, então é porque algo no relevo lunar escondeu a estrela «mais cedo». Uma montanha, por exemplo. Ou então, será que o movimento da Lua experimenta variações ainda não determinadas com todo o rigor.

UM OLHAR PELA TERRA

MV — Tendes contactos com alguma associação de astronomia portuguesa?

CL — Sim. Com a Associação Portuguesa de Astrónomos Amadores, com sede em Lisboa, e com o Grupo de Investigação e Divulgação Científicas, sediada em Coimbra. Mas este último não tem que ver exclusivamente com astronomia e as nossas relações reduzem-se à troca de um par de cartas por ano.

MV — Porquê? É mais fácil contactar com os grupos estrangeiros do que com os portugueses?

CL — Não sei. Talvez os grupos de astronomia portugueses sejam um pouco fechados e nós com eles. De qualquer modo, aquando da realização da próxima Semana Astronómica, vamos chamá-los a colabo-

e esses são escassos e diminutos, especialmente a nível local.

JP — A nível local, temos quem nos dê alguma coisa e quem dê ninharias. Há subsídios que são pequenos mas que nos são oferecidos por entidades que também elas pequenas e que são naturalmente bem recebidos. Outras há, com maiores responsabilidades e disponibilidade financeira, que nos atribuem subsídios irrisórios. A Câmara, por exemplo, deu-nos o ano passado dez mil escudos, o subsídio mais pequeno de todos os que atribuiu.

CL — Repare que a astronomia é uma actividade que exige sempre um mínimo de dinheiro: uma máquina fotográfica, uns rolos e material diverso de fotografia também são precisos... O próprio telescópio de que falámos há pouco, o qual nos foi vendido a um preço muito especial, custou-nos imenso a pagar. Também temos de pagar uma renda mensal. Quer dizer, os nossos bolsos andam a arder há muito tempo. Claro que se houvesse mais membros as coisas seriam um pouquinho mais fáceis. Precisamos de mais gente que se interesse...

QUEM OLHA PARA O CÉU? TANTOS ASTROS PARA TÃO POUCA GENTE!...

MV — Já que falamos de pessoas... Nestes assuntos, como em outros, fala-se muito do material que se tem, do que se quer ter, das dificuldades, etc. Mas pouco das pessoas. Quem são e o que fazem as vossas «pessoas»?

JP — Os nossos membros têm diversas actividades mas nenhuma ligada à astronomia. Há um funcionário público, estudantes de medicina, de física, de música, um no Magistério Primário, um que trabalha numa empresa privada...

MV — O que atraiu essa gente à astronomia?

CL — Acho que houve uma certa ideia de mudança das nossas vidas: passeávamos muito pelos cafés, por aqui e por ali sem objectivo...

MV — Mas a astronomia não parece uma actividade fácil, será mesmo um pouco exigente, pelo menos se se tiver em vista observações rigorosas...

JP — Sabe que, como se costuma dizer, «quem corre por gosto não cansa». Mas há muita coisa que a torna relativamente acessível. Como é uma actividade principalmente nocturna, isso pode levantar alguns obstáculos, mas em contrapartida pode-se fazer astronomia a partir de casa. Basta os olhos e um céu limpo, digamos. Mas tudo, repito, se torna muito mais fácil e atraente se houver intercâmbio de experiências e ideias, se houver mais gente interessada. Para além da utilidade da astronomia, chamo a atenção para o facto indiscutível de ela ter aspectos de grande beleza. Para quem estuda, para os estudantes, a astronomia tem muito interesse dado abarcar um grande número

continua na página 6

**RAICA**

PRONTO A VESTIR  
INSTITUTO DE BELEZA

Marcações pelo  
telefone 722896

**Crédito Gratuito**

Rua 62 n.º 101 - ESPINHO

**Morieira da Costa**

CIRURGIA GERAL  
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º  
Telefone 721014  
E S P I N H O

CLÍNICA GERAL

**J. Pinheiro de Moraes**

RUA 20 N.º 300  
TELEF. 720452

VISTA OS SEUS FILHOS  
NA

**BOUTIQUE MI**

Telef. 724174  
Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

**FONSECA**

TECIDOS  
MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 720413  
E S P I N H O

# GEU: um dos raros grupos nacionais de astronomia

continuação da página 5

E OS OUTROS?

de ciências. Para os outros, re-presentará uma oportunidade de conhecer coisas diferentes e, infelizmente, um pouco postas de lado, e também uma actividade e um modo de empenho pessoalmente enriquecedores.

CL — Claro que há certas matérias que se tem que estudar mas, pouco a pouco e seja onde for que se possa chegar, sai-se sempre mais enriquecido. Por exemplo, eu estudo à noite e o que sei de astronomia tem-me facilitado um pouco as coisas.

JP — Já que se fala em aulas... O modo como elas são dadas, muitas vezes por professores pouco preparados cientificamente, que terão muito contacto com livros mas pouco com a prática desses temas que ensinam, torna mais difícil a compreensão do que nos rodeia. A nível de astronomia, fala-se um pouco de planetas, de sistema solar, de coordenadas celestes, mas no vazio, sem uma sensibilização adequada.

MV — Para vós dois, o que representa a astronomia, o que é que vistes nela que vos agrada e o que vos continua a agradar e a dar prazer?

JP — A mim, a astronomia trouxe conhecimentos de algumas ciências, conhecimentos que fui desenvolvendo e que, inclusivamente, me orientaram no sentido de escolher, entre eles, aqueles que gostaria de aprofundar. Ajudou-me ainda a ponderar um pouco mais os meus gostos e a limitar melhor os meus objectivos. Sempre gostei de astronomia e considero-a um pouco a mãe das ciências.

CL — A mim, que já tinha uma profissão, sempre me fascinaram certas coisas: por exemplo, sei que existe a Terra, os outros planetas... Mas porque é que tudo isto existe, como é que começou a funcionar, porque não cairão a Terra e a Lua de onde estão? Será que existe uma explicação para isso? A astronomia deu-me resposta a muitas questões que me interessavam. A matemática — que algumas pessoas consideram aborrecida —, a física, a química, a biologia (que têm que ver com a astronomia) e das quais fui sabendo um pouco mais, talvez nos ajudem a compreender, se alguma vez o conseguirmos, porque é que tudo isto existe.

MV — E a poluição luminosa? Cada vez há mais luz artificial que impede que se olhe o céu em boas condições, que também nele encontremos objectos de interesse.

JP — Bem, em Espinho, o problema não é para já muito grave. Há realmente alguma iluminação pública incómoda, mas não perturba demasiado certo tipo de observações. Para quem viva em Lisboa e Porto, sobretudo a norte dessas cidades, e já que tem que olhar para sul para ver os planetas, esse tipo de poluição já será considerável. Seja como for, nós próprios temos que nos deslocar muitas vezes para fora de Espinho para podermos observar melhor.

CL — É que quem pratica astronomia é muitas vezes olhado como se fosse um pouco doido. Se reclamássemos uma iluminação pública igualmente segura e eficaz mas que não perturbasse, iluminação essa que é possível e que representa uma considerável poupança de energia, riam-se nas nossas caras.

MV — Vós observais de lugares onde passa gente. Como é que o transeunte reage?

JP — Mal. Muitas vezes, com um vocabulário pouco agradável. Ou então pensam que o tubo do telescópio é uma arma, uma «bazooka», ou, quando não, suspeitam que estamos a espiar os vizinhos. Há excepções, claro.

MV — Parece existir ainda muita confusão sobre o que a astronomia é.

CL — Sim: astronomia, astrologia, ficção científica, OVNI's, anda tudo muito ligado na cabeça das pessoas, elas não conseguem perceber qual a diferença entre umas coisas e outras.

MV — A astrologia, por exemplo, que é um assunto a que normalmente as pessoas prestam uma atenção considerável e com a qual confundem a astronomia... Que diferenças existem entre uma e outra?

JP — A astrologia usa certos acontecimentos, praticamente limitados ao sistema solar, para prever e explicar o que se passa na Terra. A astronomia, não. A astronomia estuda os corpos celestes e admite que astros como o Sol e a Lua

têm realmente influência no nosso planeta e necessariamente na nossa vida. A astrologia, por seu turno, parte de algumas bases conformes à realidade de mas não comprova aquilo que defende e essas bases não foram encontradas por astrólogos. Basta recordar que enquanto se pensou existirem apenas cinco planetas para além da Terra, a astrologia só viu a influência na vida das pessoas que esses planetas causariam. Mas logo que astrónomos comprovaram a existência de outros planetas, os astrólogos «descobriam» de imediato outras influências.

MV — Trabalho para o futuro, está algum planeado?

JP — Sim. Em Agosto deste ano vamos realizar a IV Semana Astronómica, a qual se destina, mais uma vez, à divulgação da nossa actividade. E tem-se verificado que sim, que há gente interessada. Assim, este ano, vamos tentar cativar sobretudo aquelas pessoas que vão aparecendo com alguma regularidade chamando-as a colaborar conosco na observação. Este ano, e queria deixar isto bem marcado, vamos mostrar aquilo que é possível fazer com meios modestos, aquilo que está ao alcance de quase qualquer um, de maneira a seduzir. Existe um bocadinho de ideia errada de que a astronomia só tem interesse e utilidade com telescópios muito grandes e que, de outro modo, nada se vê. Queremos mostrar que não é assim.

A exposição do Grupo de Estudos do Universo é apenas em Agosto. Faltam, portanto, sete meses. Porque não vai até ao GEU e os ajuda a preparar-la? É um modo como qualquer outro de começar a ver o céu. E não precisa de telescópio para os encontrar. Vá até à Rua 18, até ao número 738 e encontre-se com os membros do Grupo aos sábados de tarde, a partir das 15 horas. O apartado 265 também serve, mas cara a cara é melhor.

## Casa MARRETA

Pedro da Silva Lopes

Especializada em:

Arroz de marisco, Lulas, Enguias, Caldeirada, Açorda de peixe, Bons vinhos

Rua 2 n.º 1355 — ESPINHO  
Telef. 720091

## A VARINA

Especialidades:

Arroz de marisco, Lulas, Caldeirada, Bacalhau, Rojões e as famosas papas de sarrabulho.

SERVIMOS PARA FORA  
R. 2 N.º 1269 — ESPINHO  
Telef. 724630

## A. Moreira da Costa

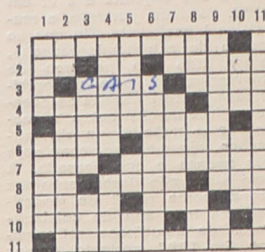
CLINICA GERAL

Rua 19, 364 — Tel. 721218  
2.ª e 6.ª feira

Rua 16, 789 — Tel. 722695  
3.ª feira



N.º 96



HORIZONTAIS

1 — Lá nasceram os Beatles.  
2 — Tem ou existe; andando assim se poupa a roupa; ilude.  
3 — É muito conhecido o do Sodré; não têm nada dentro.  
4 — Coisas assim são consistentes; quem não conhece o da Ribeira? 5 — O Le Grand foi vencido em Waterloo. 6 — A palavra injusta fá-lo; é um guarda-costas. 7 — É o pecado com menos letras; este anda com a casa às costas. 8 — Vem depois do sol; o álcool fá-lo mas cura; rio soviético. 9 — Têm-nos os óculos; este faz mestre; eles. 10 — Satisfazer plena-

mente; nela. 11 — É uma das ordens

VERTICAIS

1 — A elas; formam-se nas paragens dos autocarros. 2 — Andava; tornara-se pesado. 3 — No ovo é branca; cabeça assim não atina. 4 — Acamarade; empunhar. 5 — As motorizadas das fazem-no demais; o crómio dos químicos; ninguém vive só dele. 6 — É boa a carne do porco que a tem boa. 7 — Pões no meio; fazem-se à noite extraordinariamente (inv.). 8 — Foi ele ou a galinha que nasceu primeiro? 9 — Agora; tem sede em Nova Iorque. 10 — Tão assim não se perde a falar; é o maior do nalpe. 11 — Acontece ao cotovelo do Invejsou; quem o não quer ser não lhe veste a pele. 11 — Este considera a pessoa humana como o valor fundamental.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 95

HORIZONTAIS: 1 — Aproa, alta. 2 — Assentir, UI. 3 — Sso, honra. 4 — Soem, acenar. 5 — Em, ea, odora. 6 — Desatamos. 7 — Asilar, cá. 8 — Aal, Nat, mar. 9 — Ri, agrícola. 10 — Além, ora. 11 — Arremessara.

VERTICAIS: 1 — Assediarla. 2 — Assome, ai. 3 — PSOE, sal, ar. 4 — Ré, meãs, ale. 5 — Onh, atingem. 6 — Atoa, alarme. 7 — Incomati. 8 — Arredor, cós. 9 — Anos, mora. 10 — Tu, ar, calar. 11 — Aldrabara.

## De novo sobre os inqueritos

Será que esperava, depois de ler o título, que estas linhas fossem acerca dos resultados do mesmo, das estatísticas e das conclusões? Pois desiluda-se. Terá talvez pensado que seria um dos poucos a não responder? Que as respostas dos outros seriam suficientes? Pois quase toda a gente pensou como você. E, nesta altura, temos dinheiro gasto, temos tempo perdido quase em vão (louvem-se os poucos que o enviaram ou o entregaram).

A boa vontade e a importância que lhe atribuímos não foi até ao momento compensada. A partida pensávamos que seria fácil a vossa colaboração: os questionários preenchidos em pouco mais de meia-hora e depois a deslocação cá à sede (a pé, entre 100 m. e 2 km., de carro, menos de 1/2 litro de gasolina) ou,

então, o gasto de 16\$00 (ou 8\$00) num selo. Os optimistas «optimizavam»: al uns 500... Os pessimistas «pessimizavam»: nem uns 100. E verificamos que os pessimistas eram realistas, que tinham razão. E porque não dizem não ao pessimismo?

Daf, e para lhe proporcionarmos dizer não aos pessimistas, resolvemos alargar o prazo da entrega dos inqueritos até ao dia 2 de Fevereiro (sábado), possibilitando àqueles que o queiram e tenham extraviado o seu inquerito, obter outro na sede da Cooperativa. Ou, achando nós ser importante a vossa opinião, teremos que encarregar deste processo a «NORMA» ou a «EUROEX-PANSAO»?

Assegurando-vos ser esta a última solicitação a este propósito, confiamos

A DIRECÇÃO

AGÊNCIA DE CONTRIBUINTES  
CONTABILIDADE E CONTENCIOSO  
MEDIADOR DE SEGUROS

## Antenor Pereira

Rua da Fonte - Silvalde — Telef. 723489  
ESPINHO

NOVAS INSTALAÇÕES:

Rua do Quartel (ao lado da porta de armas)  
SILVALDE Telef. 723489 e 722034

PARA COMPRAR BOM CAFÉ

## Casa ALVES RIBEIRO

Torrefactor de Café

ESTABELECIMENTO DE VENDA AO PÚBLICO  
RUA 19 N.º 294 ESPINHO

## Milton Pinho Glória Rodrigues

SOLICITADORES

RUA 28 N.º 583 - R/C  
TELEF. 720584

## Rui Abrantes

ADVOGADO

Rua 18 n.º 582 - 1.ª Esq.  
Sala 3  
Telef. 723811 — ESPINHO

## FUTEBOL POPULAR

Império de Anta  
abandona campeonato

A equipa do Império de Anta decidiu abandonar o Torneio por discordar da decisão da Federação do Campeonato ao suspender por 1 ano seis dos seus jogadores.

Na base destes castigos esteve o enorme «sururu» que se gerou no jogo em que o Império defrontou o Cantinho da Rambóia, a contar para a 5.ª jornada e disputado no Campo do Rio Largo.

Para sabermos das razões que levaram a este abandono, ouvimos o treinador Zé Luís:

— *Jam decoridos 65 m. de jogo quando o árbitro assinalou um «penalty», aliás correcto, contra a nossa equipa. O resultado estava nesta altura em 1-1. O nosso guarda-redes defendeu, mas na recarga a bola foi introduzida na nossa baliza. O que nós contestamos é que na sequência do castigo um jogador do Cantinho disse «deixa», o que levou o juiz-de-*

*nia a levantar a bandeira e que implicaria a anulação do golo.*

*O árbitro, no entanto, não atendeu o seu auxiliar nem os protestos dos nossos jogadores, em nossa opinião porque estava a ser fortemente pressionado pela assistência afecta ao Cantinho da Rambóia.*

*Foi nesta altura que se gerou toda a confusão que envolveu também a assistência, resolvendo o árbitro suspender a partida, com o resultado final que viria a ser homologado em 2-1.*

*Apesar de discordarmos desta decisão, concordamos em assinar o relatório da partida.*

*Posteriormente aparece um 2.º relatório e que apelidamos de «fantasma» pois não foi por nós sequer subscrito. Com base neste relatório a Federação na sua reunião de 8-1-85 decidiu por maioria suspender por 1 ano, seis dos nossos jogadores indiscriminadamente.*

*Mas o incrível aconteceu*

*nesta reunião. Na sequência dos nossos protestos, foi-nos dito que os castigos seriam levantados a esses jogadores se apontássemos os nomes de outros seis em alternativa.*

*Ora em nosso entender, esse relatório «fantasma» está viciado, pois aponta agressões ao árbitro por parte da nossa equipa que só existiram na cabeça das pessoas que o fizeram.*

*Isto leva-nos a abandonar o Campeonato até porque já anteriormente tínhamos sido alvo de outras injustiças e perseguições.*

*Para finalizar queria alertar o sr. Presidente da Federação para as anomalias que ocorrem no seu seio e que só a ele podem ser imputadas, em virtude da sua falta de conhecimentos do Regulamento.*

*Um «caso» neste Campeonato de Futebol Popular que esperamos não venha afectar posteriores iniciativas deste género.*

Paragem no Campeonato  
deu lugar a Taça

Esteve parado esta semana o Campeonato de Futebol Popular do Concelho, por se ter disputado a 1.ª Eliminatória da Taça Cidade de Espinho. Nesta prova, que é igualmente organizada pela Federação de Futebol Popular e em que participam as mesmas equipas, uma vez mais se destaca o péssimo estado dos campos onde se disputam os encontros, chegando mesmo dois atletas, no campo do Rio Largo, a necessitarem de ser suturados com pontos devido às pedras existentes no terreno.

Os resultados desta 1.ª eliminatória foram os seguintes: Ronda, 3 — Ag. Bairro, 1; Quinta Paramos, 3 — Guetim, 0; Ag. Paramos, 2 — Sp. Esmojães, 3; Belenenses, 0 — Leões, 7; Ag. Anta, 3 — Ass. Esmojães, 2; Rio Largo, 2 — Magos, 1; Cantinho, 3 — Estrelas, 2; a) Idanha — Esperanças; b) Império Anta — Académico; Silvaldinho, 1 — Cruzeiro, 2.

a) Adiado devido ao mau tempo. b) O Académico ficou apurado pelo facto do Império Anta ter abandonado a prova.



LIXA, 4

ESPINHO, 0

## Uma 1.ª volta para esquecer

SCE: Ricardo; José Manuel (Oliveira aos 17 m.), José Augusto, Serra e Eliseu; Carvalho, Manuel Jorge e Zé Fernandes (La Rosa aos 46 m.); N'Habola, David e Abel.

Cartão amarelo a Manuel Jorge aos 65 m.

Árbitro: Mário Luís (Santarem)

Para aqueles que anteviam um futuro só de vitórias e a fácil subida de divisão para o Espinho, escreveu o «Maré Viva», nas suas páginas, que era importante e necessário contar com o valor e empenhamento das outras equipas, tão interessadas como o clube local em participar na próxima época no escalão maior do nosso futebol.

E no final da 1.ª volta do campeonato, essa é precisamente a lição a tirar. Não só o Sp. Espinho, como doutro modo não poderia deixar de ser, não contou com vitórias os jogos disputados como se viu remetido para um modesto 5.º lugar, a 6 pontos do guia, o Aves. Um dado mais a acrescentar, o facto da maior parte das derrotas dos «tigres» terem sido sofridas frente aos mais

atrasados da tabela classificativa.

O jogo de domingo é disso um exemplo claro. Não apenas pela derrota, mas pela expressiva marca registada, frente a um Lixa sem grandes pretensões. O Espinho ainda não encontrou soluções para enfrentar equipas mais modestas, mas melhor organizadas e com outra força dentro do terreno.

Espera-se agora pela 2.ª volta, para que as coisas possam mudar, e que o Sp. Espinho se reencontre e faça jus à sua indiscutível categoria para vencer todos aqueles que já estão desacreditados, que as suas pretensões ainda têm razão de ser.

## VENDE-SE

Casa c/ 2 habitações independentes, c/ 3000 m2 de terreno, em Silvalde, lugar de Gulhe.

Contactar Fernanda Azevedo, nas horas de expediente, pelo telefone 710092.

## CAN-CAN II

BOITE PIANO BAR

DISCOTECA

O seu ponto de encontro

Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink. Aberto de 2.ª a 6.ª feira, das 21 às 02 horas e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — E S P I N H O

## DESPORTO ESCOLAR

## Noémia Pinho: «O desporto tem papel importante na formação dos jovens»

Para a maioria das pessoas que se interessam por desporto, o importante é saber os resultados da semana, como jogou a sua equipa preferida e tudo mais, não passa de simples hábitos que vão servindo para distrair muito boa gente.

quena entrevista que efectuamos, na semana passada, no ex-Liceu de Espinho, a um elemento do Conselho Directivo (responsável pelo desporto), tentamos desta vez saber através da professora de educação física — Noémia Pinho — qual

provas de corta-mato. No decorrer do 2.º período teremos os desportos colectivos sendo o basquetebol (7.º ano unificado), voleibol (8.º e 9.º) e futebol de cinco (8.º e 9.º), as modalidades escolhidas. As equipas que vencerem os respectivos torneios irão disputar um torneio inter-escolas a realizar em Maio, estando ainda dois grupos desportivos escolares de voleibol em preparação, isto a nível externo. Não esquecendo que no 1.º período participamos no corta-mato distrital salientando-se três boas classificações, alunos esses que estarão em Fevereiro no campeonato nacional inter-districtos.

Mudando o rumo à conversa (para não referirmos apenas os resultados escolares), tentamos saber a sua opinião sobre as condições da prática de desporto nas escolas. Segundo esta professora «Os apoios dados pela direcção geral dos desportos são (ainda) insuficientes, visto que a maioria das escolas não possui instalações capazes, tem tentado efectivamente criar grupos desportivos nas escolas».

A terminar quisemos saber qual a opinião da professora Noémia Pinho, sobre desporto escolar: *Penso que o D.E. tem um papel muito importante na formação dos jovens e torna-se imperiosa uma transformação nos aspectos supra-citados, para que o jovem e o desporto se desenvolvam em Portugal.*

a situação, ao nível desportivo, na outra escola Secundária da cidade.

Começou por referir que «Nesta escola a dinamização desportiva interna tem por base campeonatos inter-turmas onde no 1.º período se efectuaram



DESPORTO ESCOLAR:  
APESAR DE TUDO, UMA REALIDADE

Mas, na realidade, desporto não é (só) isso. Para se observar a actividade desportiva actual é necessário muitas vezes infiltrarmo-nos no assunto que desejamos tratar e dar-lhe o apoio possível.

Dando seguimento a uma pe-

## Casa VERMAR

José Rachão e António Marinhão

Especialidades em arroz de marisco, Caldeirada e todos os géneros de Petiscos  
Bons Vinhos - Bom Ambiente  
RUA 2 N.º 1413 - ESPINHO

SNACK-BAR  
MARISQUEIRA  
RESTAURANTE

## "SEREIA"

Av. 8, 702 — ESPINHO

## O Recanto

ALBERTO JOSÉ PEREIRA REIS

Mobiliário Artístico  
e Decorações

Rua 12 n.º 593 — ESPINHO  
Telef. 723299

## Agência LEI

ESPINHO — Av. 24 n.º 751 — Telef. 720431

SANGUEDO — Telef. 7641243  
FIAES — 7643980

— DOCUMENTAÇÃO GERAL  
— CONTABILIDADE: GRUPO A, B e C EXECUTADAS  
— NOS NOSSOS COMPUTADORES  
— ACTUALIZAÇÃO, INFORMAÇÃO E RECUPERAÇÃO DE TODO O TIPO DE ESCRITAS

## COM A DEVIDA VÊNIA



# O Ministro e os nomes

LUÍSA BESSA \*

«O «museu» particular do comendador Manuel de Oliveira Violas acaba de receber um bonito e valioso objecto, que lhe foi oferecido pelos «tigres» nesta homenagem de sábado. Com efeito, o presidente do Sporting de Espinho entregou ao homenageado, como prenda do clube, um vistoso jarro de prata, perante o testemunho e os aplausos de todos quantos enchiam o restaurante do Casino».

In D.E. de 17/1/85

«Numa saudação muito breve ao homenageado, Américo Padrão apelidou-o de «um grande tigre», a significar o amor que Manuel Violas vem devotando ao Sporting de Espinho».

In D.E. de 17/1/85

«Fiquemo-nos ainda pelas doenças dos serviços de saúde. Mais concretamente, situemo-nos no posto médico da Previdência de Espinho. Um dia destes, alguém precisou ir lá — fazer um pequeno curativo».

Nunca antes lá pusera os pés... e garante que lá não volta, tantas e tantas voltas deu para acabar recorrendo a um serviço de enfermagem privado, onde resolveu o problema sem burocracias, rápido e bem, a troco de apenas 150 escudos».

In D.E. de 17/1/85

«Consta que o sr. presidente da Câmara e o sr. João Barbosa, vão ser convidados (esperando-se que possa também estar presente o ministro da Cultura) a darem as primeiras marretadas para derrubar (na prática) o S. Pedro, ficando assim com os seus nomes ligados, para sempre, a essa magnífica obra de demolição».

Zekadiacho

In E.V. de 18/1/85

«Consta que, afinal contra quanto se propala, o presidente da Câmara aceita de bom grado toda a imprensa local, desde que ela não o critique, não o chateie, nem levante problemas, nem faça «ondas»».

Zekadiacho

In E.V. de 18/1/85

«O circuito de manutenção previsto para os terrenos do Complexo Desportivo Municipal, afinal vai ser construído ao norte do Pavilhão da Académica. Será para não incomodar «certo» proprietário?»

N.C. In E.V. de 18/1/85

A princípio, o caso parecia banal. Envolvía apenas um parlamento (órgão emblemático das democracias de tipo ocidental) e um grupo de cidadãos que ali entregaram um abaixo assinado, reflectindo as suas posições particulares sobre um assunto determinado, com consequências sobre as suas vidas. Até aqui, nada de novo. O facto rapete-se diariamente sem que lhe seja dado qualquer significado especial, não fora os cidadãos usarem farda e pertencerem a um grau específico das Forças Armadas — os sargentos.

Mesmo assim, nada fazia prever que isto se fosse tornar num «caso». Eis senão quando, um professor de Direito vindo de Coimbra, investido em ministro — mas não das Finanças — meteu botas ao caminho para exigir do presidente do Parlamento a divulgação dos no-

mes dos prevaricadores que, à boa maneira de «precs» irredutivelmente ultrapassados, saíram a terrelro e ousaram defender para si algo de diferente do que o poder lhes pretende impôr.

Que o presidente do Parlamento tenha dito, de imediato, que o seu papel não era de divulgador de nomes — maneira suave de dizer algo que podia ser expresso numa só palavra — é natural. Perigo seria que o não tivesse feito. De qualquer forma, outros foram mais zelosos e cumpriram a missão, decerto sem engulhos na consciência. Os nomes soaram alto e as punições não deixarão de cair sobre as suas cabeças. E a paz voltará de novo a esse reino intransponível da instituição militar. Há calma nos quartéis.

Os militares poderão reunir-se em paz e continuar a la-

mentar-se pelas escassez das suas verbas orçamentais: os membros do Governo poderão respirar fundo, com o bem estar das rebeliões vencidas (a pulso firme). O ministro que apelou à delacção de uma figura superior na hierarquia do Estado dormirá sereno.

No entanto, o incidente não pode ser passado em claro e é sintomático daquilo a que chegamos, uma década depois do 25 de Abril. Que os chefes de Estado das FA's exijam a punição dos membros que se divorciam dos seus clubes, entendesse. Que um ministro apele à delacção — não se entende e muito menos se pode aceitar. Parece que falta ainda à nossa democracia o mínimo de serenidade necessária e mesmo a confiança e o respeito pelas instituições. E isto começa por acontecer aos mais altos níveis, dos que falam dos perigos de

subversão. Como se vê, a repressão não se instala apenas através de botas cardadas — é um clima que vai crescendo por toda a parte, nas empresas, nas escolas, na sociedade em geral e nessa veneranda instituição militar.

Porque assim é entre nós, inquietamo-nos. E nem sequer é preciso esperar pela famigerada lei de Segurança Interna — como se, há meses atrás, a operação desencadeada contra as ditas FP-25 não fosse a prova de que mesmo sem ela os perigos existem. O mesmo acontece, a outro nível, com este pequeno exemplo dos ministros e dos nomes. O autoritarismo está aqui bem perto, ao nosso lado, a rondar-nos a porta. E não perdoa distrações...

\* Jornalista do Jornal de Notícias

## FESTA FINAL DAS JANEIRAS:

# VALEU A PENA!

Conforme tínhamos previsto a Festa Final das Janeiras foi um dos grandes acontecimentos culturais da cidade.

Uma multidão foi-se aglomerando à entrada do salão da Piscina, como vem sendo hábito. Lá dentro, o nervosismo era grande: «Estou já com cin-

que *acorresse tudo bem*».

Então as luzes baixaram e ao som de bonitas canções o público foi entrando. E foram as janeiras, logo de seguida, cantadas de mesa em mesa, onde uma pequena janela simbolizava várias casas; apelava-se aqui à participação do público, que se

rabanadas e vinho quente com canela e açúcar como é tradição. E o baile seria um dos momentos de auge, entrando, entrelaçado com a alegria, pela madrugada.

Um espectáculo que ninguém deveria ter perdido, um grupo em que dá gosto cantar. Se é

leitor do «Maré Viva» e pensou algum dia que gostava de fazer parte do CORO POPULAR DE ESPINHO, basta dirigir-se a:

COOPERATIVA NASCENTE Rua 62 n.º 251 — ESPINHO

E se não quiser vir sozinho, traga os amigos.



A TASCA: UM DOS MOMENTOS MAIS CONSEGUIDOS DA FESTA

co cafés, mas esta é a primeira festa de Janeiras em que senti que *ela era realmente minha, pelo trabalho que tive, pelo prazer que me deu organizá-la* — dizia-nos um elemento do Coro Popular de Espinho. Por seu lado o maestro considerou que se atravessa *suma altura difícil da vida do Coro*, mas esperava

integrava assim ainda mais.

De realçar ainda a actuação de alguns elementos do Teatro Popular de Espinho, com uma óptima interpretação e outras pessoas que quiseram juntar-se a esta grande festa, em momentos de poesia e de crítica social.

Depois foi a altura de oomer

## TEATRO "Os Comediantes"

COM A PEÇA DE CARLOS SELVAGEM:

# "Dulcineia ou a Última Aventura de D. Quixote"

1 FEV. no SALÃO DA PISCINA

— DOIS ESPECTACULOS —

15.30 H. (para estudantes) 21.30 H.

ENCENAÇÃO DE MONCHO RODRIGUEZ

BILHETES A VENDA NA COOP. NASCENTE

maré viva  
ESPINHO



PORTE PAGO

Câmara Municipal de ESPINHO

o fechar

As casas que a Câmara construiu na rua 33, junto à Cerci, e cujo concurso já se realizou há alguns meses, estão agora mais próximo de serem habitadas.

De facto, a Caixa Geral de Depósitos começou agora a despachar alguns dos pedidos de empréstimo. Por outro lado soubemos que na próxima segunda-feira se irá realizar uma reunião entre o gerente local daquela instituição bancária e os interessados, para facilitar o andamento do processo.

Fazemos votos para que assim seja, dado o tempo que já passou sem que as casas fossem habitadas.